



DESASSOSSEGO: A DESIGNAÇÃO DA PALAVRA-TÍTULO COMO ELEMENTO TEXTUAL NA OBRA DE FERNANDO PESSOA

Ana Cláudia Ruas (UNEMAT)¹
Giseli Veronêz da Silva (UNEMAT)²

Resumo: Essa pesquisa tem como objetivo desenvolver um estudo enunciativo sobre os sentidos da palavra-título "Desassossego", explorando sua função no fragmento intitulado "Sentimento Apocalíptico" da obra *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa. Para aprofundar essa leitura, entrelaçamos as perspectivas da linguística e da literatura, ancorando nossa pesquisa na teoria da Semântica do Acontecimento, formulada por Eduardo Guimarães (2002, 2018). Esta teoria sustenta que a análise do significado linguístico deve focar no evento do dizer, princípio que fundamenta nossa abordagem. Adotamos, para essa pesquisa, uma abordagem metodológica de caráter qualitativo, usando como método a pesquisa bibliográfico, bem como o conceito de recorte, o procedimento de sondagem e o método de reescrituração, para ilustrar como a repetição e variação na linguagem podem oferecer novas perspectivas sobre temas recorrentes na obra. Deste modo, este estudo não apenas aprofunda a compreensão da obra de Fernando Pessoa, mas também evidencia como a Semântica do Acontecimento nos permite examinar a forma como eventos e situações são representados e compreendidos através da linguagem.

Palavras-chave: Desassossego. Sentimento Apocalíptico. Semântica. Fernando Pessoa.

Abstract: This research aims to develop an enunciative study on the meanings of the title word "Desassossego," exploring its function in the fragment entitled "Sentimento Apocalíptico" from the work *Livro do Desassossego* by Fernando Pessoa. To deepen this analysis, we intertwine the perspectives of linguistics and literature, grounding our research in the theory of Event Semantics, formulated by Eduardo Guimarães (2002, 2018). This theory posits that the analysis of linguistic meaning must focus on the event of speaking, a principle that underpins our approach. For this study, we adopted a qualitative methodological approach, using bibliographical research as a method, as well as the concepts of clipping, the survey procedure, and the rewriting method, to illustrate how repetition and variation in language can offer new perspectives on recurring themes in the work. In this way, this study not only deepens the understanding of Fernando Pessoa's work but also highlights how Event Semantics allows us to examine the way in which events and situations are represented and understood through language.

Keywords: Unrest. Apocalyptic Feeling. Semantics. Fernando Pessoa.

¹ Licenciada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso/ Unemat. E-mail: ana.ruas@unemat.br

² Doutora e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Professora substituta de Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), E-mail: giseli.veronez@unemat.br



1. Introdução

Essa pesquisa está alinhada com a teoria da Semântica do Acontecimento, desenvolvida por Eduardo Guimarães (2002, 2018), a qual sustenta que a análise do significado da linguagem deve se voltar ao estudo da enunciação, do acontecimento do dizer. Considerando que o texto, de acordo com Guimarães (2012), enquanto unidade de significação, é constituído por enunciados que se manifestam no contexto do ato de dizer, nesta pesquisa desenvolvemos uma análise enunciativa sob a ótica da Semântica do Acontecimento, expondo os sentidos produzidos pela palavra “desassossego” no fragmento intitulado “Sentimento Apocalíptico”, presente no *Livro do Desassossego* (LdoD), uma obra inacabada de Fernando Pessoa, escrita ao longo de mais de duas décadas sob o semi-heterônimo Bernardo Soares.

Nosso objetivo é analisar como esse “Sentimento Apocalíptico”, presente na obra de Fernando Pessoa, se entrelaça com o sentimento de desassossego neste acontecimento de linguagem, e como isso determina o que, na teoria enunciativa, é compreendido como procedimentos de reescrituração. Para tanto, investigamos como a palavra-título “desassossego”, presente no título do livro, adquire outros sentidos projetados a partir de designações que determinam o significado de desassossego.

Em termos mais específicos, por meio do procedimento de reescrituração, verificamos como a palavra “desassossego”, embora ausente em sua forma explícita, ressurge na tessitura do texto, ou seja, como é redita e expandida no fragmento citado, adquirindo novos significados.

Para o desenvolvimento deste trabalho, partindo da temática central e dos questionamentos que surgiram em torno do *Livro do Desassossego* e seus fragmentos, adotamos uma abordagem metodológica de caráter qualitativo, utilizando como método a pesquisa bibliográfica.

Além disso, em nossas análises, aplicamos o conceito de “recorte”, conforme descrito por Guimarães (2012, p. 58), que o define como um “fragmento do acontecimento da enunciação”. Essa estratégia, segundo Guimarães (2018), enfatiza que a profundidade da análise não está na quantidade de dados coletados, mas na habilidade do analista em selecionar fragmentos que revelem nuances importantes do fenômeno em estudo. Dessa maneira, essa abordagem nos possibilitou uma exploração minuciosa dos recortes, orientando-nos na identificação e seleção de trechos significativos que realmente iluminam as questões analisadas, concentrando-nos, mais especificamente, em dois recortes.



Ademais, a escolha de trabalharmos com um fragmento do LdoD e fazermos dele um instrumento para uma análise semântica justifica-se pela individualidade que o autor imprime em sua escrita, tornando-a notavelmente ampla em sentidos que não se limitam às definições encontradas em dicionários. Esse foi mais um motivo pelo qual escolhemos a teoria da Semântica do Acontecimento para embasar nosso estudo, visto que há uma dissolução do nexo de sentidos previamente estabelecido para esse sentimento. Por esse motivo, buscamos a designação da palavra contextualizada no momento da enunciação.

2. Do Autor à obra: acontecimentos que determinaram o *Livro do Desassossego*

Iniciamos o desenvolvimento deste trabalho com uma breve imersão na trajetória do autor. No entanto, nossa intenção não é traçar um estudo biográfico pormenorizado, tampouco apresentar uma ordem cronológica dos fatos, embora, em certos momentos, o leitor possa ter a impressão de estar navegando por uma sequência temporal. Essa contextualização se revela fundamental para demonstrar como os caminhos da vida de Fernando Pessoa influenciaram sua constituição como escritor.

Consonante aos dados biográficos extraídos da obra *Fernando Pessoa: Estranho Estrangeiro – Uma Biografia*, de Robert Bréchon (1999), Pessoa nasceu em Lisboa no dia 13 de junho de 1888. Na tenra infância, viu-se órfão de pai, Joaquim de Seabra Pessoa. Em 1896, após a morte de Joaquim e o novo casamento de sua mãe, Maria Madalena Pinheiro Nogueira, Pessoa e a família se deslocaram para a África do Sul.

Em Durban, cidade profundamente marcada pelos costumes ingleses, que exibia em seus cultos, instituições, idioma, estilo arquitetônico e nomenclatura de ruas um reflexo inconfundível da cultura britânica, Fernando Pessoa se deparou com um ambiente imerso na língua inglesa, até então desconhecida para ele. No entanto, sua adaptação ao inglês foi rápida e brilhante, e a língua se tornou a tela sobre a qual projetou suas ideias e sentimentos ao longo da vida.

Ainda que, como já mencionado, não tenhamos a intenção de oferecer uma descrição detalhista da infância do autor, é crucial relatar tais episódios, pois, como Bréchon (1999) observa, essa experiência de viver fora de sua terra natal moldou significativamente a percepção de Pessoa sobre si mesmo. Ao retornar definitivamente a Lisboa em 1905, com apenas dezessete



anos, ele não apenas encontrou uma cidade transformada, mas também passou a se ver como um estrangeiro em sua própria terra.

Em 1905, ao retornar a Lisboa após uma jornada solitária cujo motivo permanece obscuro e especulado pelos biógrafos, o autor encontrou um Portugal emergindo de uma longa crise política e econômica. A monarquia, já debilitada durante o reinado de D. Luís, havia sido enfraquecida após o ultimato britânico de 1891, que frustrou os planos portugueses na África e mergulhou o país em declínio. O assassinato de D. Carlos, em 1910, precipitou a Proclamação da República. O país, então, atravessou uma série de governos provisórios e revoltas civis, exacerbadas pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que trouxe enormes sacrifícios e descontentamento social e econômico.

Em 1926, mais um golpe militar, entre tantos outros anteriores, encerrou a Primeira República e instaurou a ditadura de António de Oliveira Salazar, que se tornou Primeiro-Ministro em 1932 e estabeleceu o Estado Novo. Esse regime autoritário, que perdurou por mais de cinquenta anos, foi caracterizado pela centralização do poder, censura rígida e repressão das liberdades civis.

Apesar do contexto tumultuado, Pessoa influenciou e reinterpretou diversas correntes literárias e filosóficas de sua época, contribuindo significativamente para o modernismo português. Influenciado pelo Simbolismo, Decadentismo e Futurismo, sua obra, especialmente o *Livro do Desassossego*, reflete uma profunda absorção dessas correntes e uma visão de desencanto e alienação em relação ao mundo moderno.

2.2 O modernismo: As projeções de futuridade no acontecimento da GERAÇÃO ORPHEU

E é nessa atmosfera de emaranhadas forças estéticas, a que se sobrepõe a inquietação trazida pela 1ª Grande Guerra, que um grupo de rapazes, em 1915, funda a revista Orpheu. São eles: Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Luís de Montemor, Santa Rita Pintor, Ronald de Carvalho, Raul Leal. Seu propósito fundamental consistia em agitar consciências através de atitudes desabusadas que, em concomitância com as derradeiras manifestações simbolistas, iniciavam um novo estilo, “moderno” ou “modernista”. Um pouco para impressionar o burguês, um pouco porque apegam-se a um modo de ser que toda a gente julga próximo da loucura.

A obra que produzem contém estranheza e alienação, simbolizando, afinal de contas, uma espantosa crise de valores, de que eram ao mesmo tempo animadores e vítimas. A poesia criada por eles fundamenta-se no repúdio de toda idéia feita e na aceitação da anarquia, representada por essa mesma idolatria do poético, do não-prático, do não burguês. Vivem a poesia como se



fosse o único valor importante, o único mito numa época sem mitos. Orpheu só teve dois números. O 3º ficou em provas; mas foi suficiente para abrir o caminho do Modernismo [...] (Moisés, 1974, p.13).

O excerto apresentado, apesar de sua extensão considerável, sintetiza bem o que desejamos, neste ponto, evidenciar, pois é imperativo traçar, ainda que de forma não muito aprofundada, o impacto de Fernando Pessoa nesse movimento em Portugal e como sua influência se reflete na obra que examinamos.

As observações de Massaud Moisés revelam o contexto revolucionário em que a revista *Orpheu* foi criada, com um desejo de provocar e impactar — tão característico do Modernismo — e refletindo um anseio profundo de romper com as convenções e explorar novas formas de expressão. Os fundadores da revista, descritos como “desajustados social e culturalmente”, expressavam um desconforto em relação à sociedade burguesa, buscando na arte uma forma de resistência e uma nova visão radicalmente divergente.

A obra produzida pela *Orpheu* estava imersa em “estranheza e alienação”, simbolizando uma “espantosa crise de valores” que ressoava com a perda e o desconforto existencial da época. A rejeição das convenções e a “aceitação da anarquia” representavam uma busca por novos significados em um mundo em transformação. Para os modernistas da *Orpheu*, a poesia tornou-se o “único valor importante, o único mito numa época sem mitos”, funcionando como um refúgio e uma afirmação de individualidade e criatividade em um período de desilusão com verdades absolutas.

A *Orpheu* não apenas desafiou as normas literárias existentes, mas também abriu espaço para uma nova abordagem que influenciaria profundamente o panorama cultural do país. Vale ressaltar, ainda, que um dos traços marcantes desses jovens era a despersonalização e a perda de identidade, frutos dessa profunda “crise existencial” que ressoa na obra de Fernando Pessoa. Essa crise não se manifesta apenas em sua poesia, mas também no *Livro do Desassossego* e no fragmento que analisamos nesta pesquisa.

Com isso, observamos que esses sentimentos determinam os sentidos do “Sentimento Apocalíptico”, isto é, há reescrituras que originam novas enunciações em cada fragmento do texto selecionado.

Vejamos como Nelly Novaes Coelho reflete sobre essa despersonalização tão comum ao movimento modernista português:



E, de certa maneira, podemos dizer que nessas interrogações está uma das marcas mais flagrantes de *modernidade* que vai distinguir a poesia tradicional da poesia contemporânea: a *despersonalização* na qual a perda de identidade do *eu* vai desembocar. Pode-se dizer *que essa perda de identidade do eu é o denominador comum* que, para além das enormes diferenças individuais, identificou os integrantes do grupo Orpheu como *uma geração literária*. (Coelho, 2000, p.67).

Observemos que a despersonalização, conforme descrita por Coelho, não se trata apenas de um aspecto estilístico ou de uma escolha formal, mas sim de um reflexo profundo das mudanças culturais e psicológicas que moldaram o modernismo. Diferentemente da poesia tradicional, que prezava pela coesão e continuidade do indivíduo, a poesia moderna, especialmente a do grupo *Orpheu*, abraçou a fragmentação e a fluidez da identidade, evidenciando uma crise existencial que desafia a noção de um eu fixo e imutável.

Na tentativa de demonstrar que a complexidade e a incerteza da vida contemporânea dissolvem e desintegram o eu em uma série de vastas emoções e experiências contraditórias, esses jovens distanciaram-se cada vez mais da imagem coesa do eu que predominava nos moldes anteriores.

2.3 Livro do Desassossego

Escrito, com irregular continuidade, ao longo de mais de duas décadas, *O Livro do Desassossego* tem no semi-heterônimo Bernardo Soares – ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa – sua principal voz. Essa voz, por vezes, confunde-se com a do próprio Fernando Pessoa e, em certos momentos, assume o tom tétrico do heterônimo Álvaro de Campos (1890-1935). Com seus mais de quinhentos fragmentos, a obra inacabada emergiu das sombras quarenta e sete anos após o falecimento do autor, continuando, ainda hoje, a oferecer excertos únicos que possibilitam novas interpretações.

Tecendo uma espécie de autobiografia, diário confessional ou, como define Richard Zenith – organizador da obra –, um "antilivro", *O Livro do Desassossego* transcende a forma tradicional. Zenith descreve-o nos seguintes termos:

“O que temos aqui não é um livro, mas a sua subversão e negação, o livro em potência, o livro em plena ruína, o livro-sonho, o livro-desespero, o antilivro, além de qualquer literatura. O que temos nestas páginas é o gênio de Pessoa no seu auge.”



Dessa forma, *O Livro do Desassossego* não se limita a ser uma obra convencional, mas sim uma manifestação complexa da criatividade de Fernando Pessoa, explorando múltiplas possibilidades literárias e emocionais.

Vale ressaltar que a organização proposta por Zenith é apenas uma dentre muitas possíveis. Isso ocorre porque a obra de Pessoa, especialmente os textos atribuídos a Bernardo Soares, não foi publicada pelo próprio autor. Ele deixou mais de quinhentos fragmentos dessa obra, dos quais apenas doze foram publicados em vida. Assim, diferentes edições apresentam variações significativas em termos de organização e autoria. No entanto, nossa análise não se concentra na estrutura editorial do livro, e, portanto, limitamo-nos a reconhecer essas nuances.

Além disso, marcada por um estado de inquietação e incerteza, essa obra revela múltiplos desdobramentos de sentimentos e pensamentos que escapam às molduras convencionais da literatura. Para ilustrar o sentimento que impulsionava Pessoa na escrita desse livro, podemos examinar um excerto de uma de suas cartas a amigos, na qual ele compartilha suas angústias e motivações.

Na carta a Armando Côrtes-Rodrigues, datada de 4 de outubro de 1914, ele escreve:

[...] Nem lhe mando outras pequenas coisas que tenho escrito nestes dias. Não são dignas de serem mandadas, umas; outras estão incompletas; o resto tem sido quebrados e desconexos pedaços do *Livro do Desassossego* [...] O meu estado de espírito actual é de uma depressão profunda e calma. Estou há dias ao nível do Livro do Desassossego. E alguma coisa dessa obra tenho escrito. Ainda hoje escrevi quase um capítulo [...] (Pessoa, 1999, p.126-129).

Observemos que neste trecho, o estado de espírito de Pessoa é descrito com uma precisão quase poética: uma “depressão profunda e calma”, ele se encontra imerso no mesmo estado de desassossego que sua obra retrata, refletindo a imersão completa e a continuidade de sua angústia criativa.

Ao relacionarmos as cartas com a nossa pesquisa, exploraremos mais adiante, em nossas análises, com maior clareza, a intersecção entre o “estado de espírito” descrito por Pessoa e o “Sentimento Apocalíptico” para expor como a palavra-título “desassossego” não se deu em um ato de aleatoriedade.

Ao explorarmos a complexidade da obra de Fernando Pessoa, é pertinente ainda, evidenciar a reflexão oferecida por Zenith (2002, p.30), que nos diz: “Na prosa musicante de Bernardo Soares, ainda mais vincadamente do que nos outros eus que faziam parte do coro,



Pessoa escreveu-se, escreveu o seu século e escreveu-nos a nós até os infernos e paraísos que habitam cada um, mesmo que sejamos, como Pessoa, descrente.”, nos convidando a considerar a profundidade e a multiplicidade da auto expressão de Pessoa. Zenith revela como ele, através de seus heterônimos, não apenas delineou seu próprio ser, mas também capturou o espírito de seu tempo e suas nuances mais ocultas, oferecendo-nos uma porta para nossas próprias percepções.

3. A semântica como caminho teórico

Na introdução de *Semântica, Enunciação e Sentido* (2018), Eduardo Guimarães esclarece que “A semântica linguística, portanto, não é considerada como uma parte da gramática, ou seja, a semântica não é tratada como um componente da gramática”. Em outras palavras, a Semântica do Acontecimento, tal como delineada por Guimarães e em consonância com a perspectiva de Bréal em seu *Ensaio de Semântica*, considera o sentido como um fenômeno que se constitui na e pela linguagem. Assim, essa abordagem sustenta que a análise do sentido linguístico deve partir da compreensão do ato de enunciar e do evento de dizer, em contraposição a uma visão estritamente gramatical.

Fazendo atenção especial ao que se considera o que se apresenta pelo que se diz, somos levados a considerar que não se trata de pensar as palavras em si mesmas, em estado ideal, de dicionário, de exemplo gramatical, ou algo parecido. Trata-se de considerar o que se diz, ou seja, algo que se caracteriza por ter ocorrido e ocorrido porque alguém disse (falou, escreveu, etc). Posta desta maneira, a significação é produzida pela enunciação, por alguém, de algum material de linguagem específico (Guimarães, 2018, p.14).

Como se observa no excerto citado e retomando os apontamentos iniciais, a Semântica do Acontecimento dedica-se a explorar a significação no ato de enunciação. Em vez de considerar as palavras em um estado idealizado e abstrato, como definidas em dicionários ou exemplificadas por regras gramaticais, essa abordagem ressalta que o significado emerge do contexto em que são proferidas—seja na oralidade ou na escrita. Dessa forma, a significação não é uma propriedade inerente às palavras, mas uma construção resultante do ato de enunciar.

Ao analisarmos o texto na perspectiva de Guimarães (2018), que o define como “uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento de enunciação”, torna-se essencial compreendê-lo não como uma simples coleção de frases isoladas, mas como uma estrutura



coesa em que os enunciados interagem e se influenciam mutuamente, criando um sentido global.

Além disso, Guimarães (2018) argumenta que um texto está em constante diálogo com outros textos. Isso significa que seu significado é continuamente modificado por contextos e referências anteriores. Por exemplo, a interpretação de um texto literário pode ser enriquecida ao se considerar o contexto histórico e cultural em que foi escrito, bem como suas relações com outras obras da mesma época ou de períodos distintos.

3.1 A Designação

Ademais, no sentido formulado em *Semântica do Acontecimento*, como fundamento para se pensar a relação da linguagem com o mundo e com as coisas: “A designação, de alguma maneira, constitui uma relação com o real pela qual podemos falar dele. A designação é uma relação entre a linguagem e o mundo. O mundo tomado não enquanto existente, mas enquanto significado pela linguagem.” (Guimarães, 2018, p. 154).

Em outros termos, de acordo com essa teoria, a designação é essencial para que possamos falar sobre o mundo e referir-nos a objetos e conceitos nele presentes, pois é por meio da designação que palavras e expressões são associadas a coisas específicas, tornando possível a comunicação sobre a realidade. No entanto, essa realidade não é o mundo nu e bruto dos fatos, mas o mundo tal como o percebemos e o moldamos por meio das palavras. Trata-se de um universo, como bem observa Guimarães (2018), tecido pela linguagem, no qual cada nome carrega consigo não apenas uma referência, mas um significado, uma essência que só se revela na interseção entre o pensamento e a fala.

Dessa maneira, para Guimarães (2018), a designação não ocorre de forma isolada ou universal, mas é influenciada por uma série de fatores, como as intenções dos indivíduos, as relações de poder, o histórico das interações e o ambiente sociocultural.

Nessa perspectiva, nos deparamos com dois conceitos fundamentais para compreender a complexidade da linguagem: o processo de articulação e a reescrituração. O processo de articulação é definido por Guimarães como:

Chamo de articulação relações como predicação, complementação, caracterização (relação determinante – determinado), e outras, tradicionalmente consideradas no estudo da frase ou enunciado. Tal como



defini em Guimarães (2009, p. 51) “uma articulação é uma relação de contiguidade significada pela enunciação”. Em outras palavras, a articulação é um modo de relação enunciativa que dá sentido às contiguidades linguísticas, é, então, uma relação local entre elementos linguísticos que significam pela relação com os lugares de enunciação agenciados pelo acontecimento. (Guimarães, 2018, p.80).

Ou seja, esse procedimento revela como a proximidade entre elementos linguísticos é carregada de significado que se expandem e se modificam conforme os contextos e relações estabelecidos. Assim, cada elemento linguístico ganha sentido e relevância a partir de sua relação com os outros.

Por outro lado, o processo de reescrituração é descrito como:

A reescrituração é o modo de relação pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito. Há reescrituração quando um elemento Y de um texto (uma palavra, uma expressão, por exemplo) retoma um outro elemento X do texto. Neste caso Y reescritura X. Este modo de relação enunciativa leva a interpretar uma forma como diferente de si. O elemento que reescritura atribui (predica) sentido ao reescriturado. Uma característica fundamental da reescrituração é que ela não se caracteriza pelas relações segmentais, ou de contiguidade, própria dos modos de relação por articulação (Guimarães, 2018, p.85).

Esse procedimento nos revela uma dinâmica essencial da linguagem: a capacidade de um texto não apenas reiterar, mas reconfigurar seu próprio significado através da repetição e da variação, sendo um movimento contínuo em que a repetição de ideias ou expressões se transforma, oferecendo novas perspectivas e compreensões. Entre estes, estão: **repetição** - que destaca-se ao reiterar uma palavra ou expressão idêntica ou sinonímica; **substituição** - que assume o papel de substituir uma expressão ou termo por outro semelhante; **elipse** - que por sua vez omite expressões já enunciadas; **expansão** - que amplia e enriquece uma expressão; **condensação** - que sintetiza e resume o enunciado anterior e **definição** - que esclarece e explicita um termo específico.

3.2 Domínio Semântico de Determinação

Para melhor elucidar nossas análises, utilizamos quadros de Domínio Semântico de Determinação, pois, de acordo com Eduardo Guimarães (2018, p. 156), “é preciso tratar as palavras nas relações que suas enunciações constroem”.



Em outras palavras, para compreender o significado de uma palavra, é essencial considerar como ela se conecta a outras palavras e como essas conexões são estabelecidas na prática da comunicação. Ou seja, conforme o autor nos aponta, a configuração do DSD depende da observação de como as palavras são enunciadas, reescritas e articuladas em um texto. Tal observação revela como as palavras se relacionam e contribuem para a construção do significado.

Para representar visualmente essas relações, Guimarães (2018, p. 157) introduz sinais que contribuem para essa interpretação:

- \dashv e \vdash : Esses sinais são usados para indicar que uma palavra ou expressão determina o sentido de outra. Por exemplo, " $x \dashv y$ " significa que o sentido de " x " ajuda a definir o sentido de " y ", e " $y \vdash x$ " indica que o sentido de " y " é definido por " x ".
- $-$: Este símbolo representa uma relação de sinonímia, ou seja, que duas palavras compartilham significados semelhantes. Por exemplo, " $x - y$ " sugere que " x " e " y " são sinônimos e têm significados equivalentes.
- $______$: O traço contínuo denota uma relação de oposição ou antonímia, indicando que as palavras têm significados opostos. Por exemplo, " $x ______ y$ " mostra que " x " e " y " são antônimos, ou seja, têm significados contrários.

Sob essa visão, ao aplicar a Semântica do Acontecimento ao estudo da expressão “desassossego”, esta pesquisa revela a complexidade semântica e os procedimentos textuais presentes na obra de Pessoa, isso é, nossa investigação se fundamenta na premissa de que a significação nunca é estática ou definitiva; pelo contrário, ela está em constante processo de negociação e reconstrução, considerando não apenas o contexto imediato da expressão, mas também suas implicações mais amplas dentro da estrutura do texto e da prática discursiva.

3.3. Metodologia e procedimento de sondagem

Como sabemos, a pesquisa científica é um campo vasto que abrange várias modalidades, dentre as quais se destaca a pesquisa qualitativa que utiliza como um dos métodos a pesquisa bibliográfica. De acordo com Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Piava (2019), esta etapa constitui um alicerce fundamental, influenciando todas as fases subsequentes do trabalho, pois o processo de revisão bibliográfica fornece a base teórica necessária, orientando desde a



formulação do problema até a definição do tema e análises e é, como já mencionado, nesse contexto que se insere o nosso estudo.

No contexto de sua obra, Paiva oferece uma definição do método de pesquisa bibliográfica:

É a busca de informações bibliográficas, seleções de documentos que se relacionam com o problema da pesquisa (livros, verbetes de enciclopédias, artigos de revista, trabalhos de congressos, teses etc.) e o respectivo fichamento das referências para serem posteriormente utilizadas (na identificação do material referenciado ou na bibliografia final) (Macedo, 1999 apud Paiva, 2019, p .60).

Diante disso, compreendemos que nossa investigação adota uma metodologia de natureza qualitativa, na qual buscamos uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados e simultaneamente, utilizamos o método de pesquisa bibliográfica como um instrumento fundamental para embasar teoricamente nossas análises.

Além disso, no que concerne ao método adotado em nossas análises, além das abordagens já discutidas anteriormente, integramos à nossa investigação o procedimento de sondagem, elucidado por Eduardo Guimarães da seguinte maneira:

A sondagem se caracteriza por encontrar, por exemplo, um enunciado, em um recorte do acontecimento de enunciação, e explorar este enunciado enquanto elemento deste recorte e assim integrado ao texto que se recorta. Cada sondagem pode ser relacionada a outras sondagens que possam indicar a necessidade de modificação na análise, que possa eventualmente reformulá-la, que possa colocá-la em questão. (Guimarães, 2018, p. 75-76).

Conforme delineada pela teoria enunciativa, esse procedimento se caracteriza pela busca de enunciados em recortes específicos do acontecimento de enunciação, permitindo uma exploração detalhada de cada enunciado como parte integrante do texto maior. Essa abordagem foi fundamental para nossa análise, pois nos permitiu identificar elementos significativos que, embora possam não representar a totalidade do recorte, se articulam de maneira crucial com a obra em questão.

4. A designação da palavra-título desassossego no fragmento “Sentimento Apocalíptico”



Por meio do procedimento de reescrituração, analisamos como a palavra “Desassossego”, dentro dos recortes do fragmento intitulado *Sentimento Apocalíptico*, embora ausente em sua forma explícita, ressurgir na tessitura do texto. Ou seja, o autor, sem enunciar diretamente “desassossego”, evoca o *Sentimento Apocalíptico*, que toma corpo ao manifestar-se em termos como “apavora”, “tortura”, “duvidoso”, “obscuro”, “catástrofes”, “cataclismos”, “incompetência” e assim por diante.

Diante disso, na análise que se segue, evidenciaremos como, dentro desse mesmo espaço de enunciação, os sentidos se desdobram e se diversificam.

Apresentamos a seguir o primeiro fragmento que designamos como recorte 1 (R1):

R1. SENTIMENTO APOCALÍPTICO

Pensando que cada passo na minha vida era um **contacto com o horror do Novo**, e que cada nova pessoa que eu conhecia era um novo fragmento vivo do desconhecido que eu punha em cima da minha mesa para quotidiana **meditação apavorada** — decidi **abster-me** de tudo, não avançar para nada, reduzir a acção ao mínimo, furtar-me o mais possível a que eu fosse encontrado quer pelos homens, quer pelos acontecimentos, requintar sobre a abstinência e pôr a abdicação a bizantino. **Tanto o viver me apavora e me tortura.**

Decidir-me, finalizar qualquer coisa, sair do **duvidoso** e do **obscuro**, são coisas [que] **se me figuram catástrofes, cataclismos universais.** (grifos nosso) (Pessoa, 1999, p.474).

No recorte 1, começamos com o título do fragmento em análise. Nele, temos um exemplo de como, por meio do procedimento de reescrituração por expansão, a linguagem pode ampliar o sentido de uma palavra. Ou seja, nessa relação, a palavra *desassossego* não é apenas um termo isolado. Esse processo expande a expressão original para englobar não um momento, mas um estado; não um acontecimento, mas um sentimento que, de tão profundo, adentra a esfera do *apocalíptico* — termo que se desdobra de acontecimentos exteriores para um sentimento interior, revelando, assim, a sensação desse desassossego que, dada sua dimensão, torna-se incessante.

Por outro lado, em movimento inverso, podemos também analisar como a palavra *desassossego*, pelo processo de condensação, sintetiza a ideia de um *Sentimento Apocalíptico*. Isto é, dentro desse processo, a palavra atua como uma espécie de resumo da experiência descrita no fragmento. Em outras palavras, em vez de expor a complexidade do *Sentimento Apocalíptico* em sua extensão, *desassossego*, ao comprimir uma vasta gama de emoções e experiências, reflete a totalidade do fragmento em uma forma consubstanciada.



Assim, consideramos que, ao apresentar elementos que determinam e reescrevem o sentido de *desassossego*, a expansão dos sentidos é determinada por outros elementos linguísticos que constituem o texto como unidade de significação, compreendendo que a reescrituração é “o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito, fazendo interpretar uma forma como diferente de si” (Guimarães, 2007, p. 84).

Dando início ao trecho por nós abordado, investigamos o processo de reescrituração entre as palavras *desassossego*, *viver* e *o horror do Novo*, pois, à medida que o texto avança, percebemos como *viver* é uma experiência de desassossego constante para o autor, no qual ele experimenta um estado de paralisia e abstinência diante do desconhecido.

A palavra *Novo* é estabelecida como algo que traz o horror do desconhecido, e essa definição amplia seu sentido, tornando-o uma ameaça constante, um fragmento vivo que causa apavoramento. Desse modo, o *Novo* introduz uma sensação de perturbação capaz de desestabilizar a precária paz que se tenta manter.

Na continuidade do texto, podemos observar relações completivas desse horror em expressões como *meditação apavorada*, na qual identificamos a instauração de um oxímoro. Segundo a definição do *Dicionário Houaiss Online*, oxímoro é uma "figura em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão". Ou seja, a ideia de *meditação*, geralmente associada a um estado de calma e reflexão, no texto apresenta uma dissolução desse sentido pré-estabelecido, sugerindo uma relação de antonímia. No entanto, no contexto, essa contradição contribui para a construção do *Sentimento Apocalíptico*. Dessa maneira, as duas palavras opostas, juntas, formam uma expressão que descreve um processo de pensamento marcado pelo medo, sugerindo uma mente constantemente desassossegada. Ou seja, a *meditação*, nesse caso, ocorre sobre esse contato com o *Novo*, levando o sujeito ao estado de assombro.

Além disso, a expressão *abster-me de tudo* é estabelecida como uma estratégia para evitar o *Novo* e o desconhecido, reduzindo a ação ao mínimo. Isso propõe a ideia de um afastamento deliberado do que é apavorante e incerto. Já *abdicação à bizantino* eleva a ideia de abstinência para um nível extremo e até mesmo elaborado, pois esse termo sugere uma forma de abstinência complexa, transformando o ato de afastar-se em uma prática quase ritualística. Com isso, percebemos que, mesmo distantes no texto, essas expressões, quando analisadas em conjunto, reforçam o sentido de *desassossego* como uma escolha de se retirar do mundo para evitar tamanho sofrimento — o que resulta, como veremos, em um vazio ainda maior.

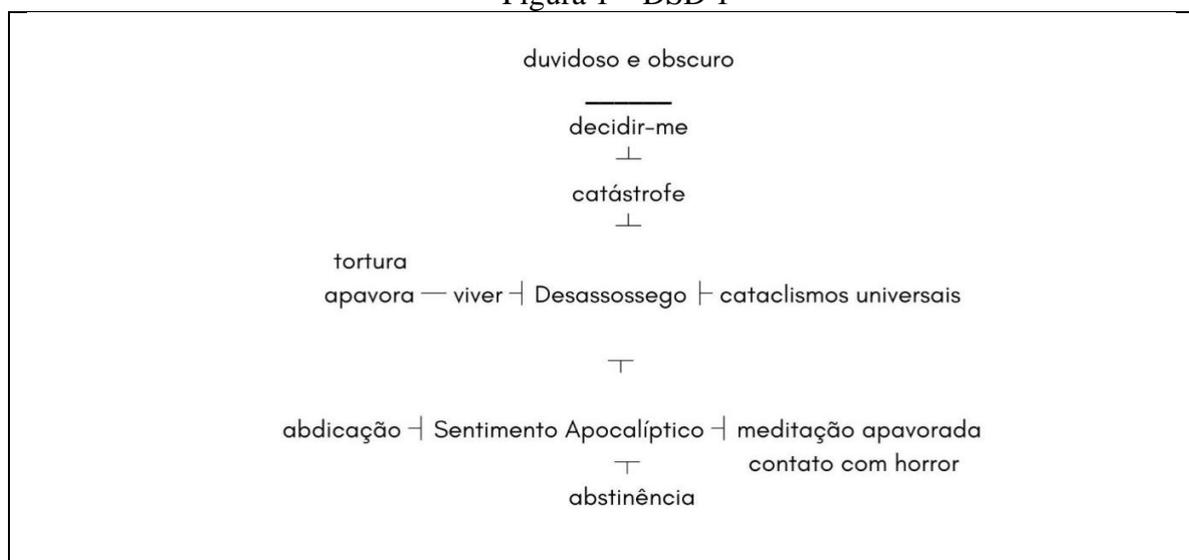


Tanto o viver me apavora e me tortura retoma, então, o que foi exposto sobre o *horror do Novo* e o medo do desconhecido, sintetizando, isto é, reescrevendo pelo processo de condensação, a maneira de sentir a vida. Ou seja, no texto, a palavra *viver* assume uma nova dimensão, abrangendo tanto a relação com o mundo externo quanto a introspecção dolorosa da própria existência. Nesse sentido, *viver* torna-se uma experiência de tortura, intensificando o *desassossego* que, conforme mencionado anteriormente, desloca-se da esfera externa do acontecimento para uma agitação interna e pessoal.

Ademais, observamos que, na expressão *se me figuram catástrofes, cataclismos universais*, há uma contradição com a ideia de *decidir-me*, pois a intensidade desse pavor torna-se um fio condutor para a postura de abstenção total. À medida que a expressão se amplia, adquire uma dimensão apocalíptica — uma condição que sugere uma catástrofe de proporções grandiosas. A ideia de decidir, concluir ou alcançar clareza, que são antônimos de *duvidoso* e *obscuro*, representa as catástrofes universais dentro de um universo pessoal. Tal estado, imbuído de desespero e medo, transforma o *desassossego* em uma experiência na qual a possibilidade de alívio ou resolução se dissolve, deixando o sujeito preso a um ciclo de dúvida e obscuridade.

Considerando, então, a análise enunciativa que apresentamos a partir do fragmento do R1, elaboramos a representação gráfica dessa análise por meio do *Domínio Semântico de Determinação* (DSD).

Figura 1 – DSD 1



Fonte: Elaborado pelas autoras



Verifica-se, de acordo com esse DSD, que o *desassossego* que permeia a existência é determinado por *cataclismos universais*, *catástrofes*, *viver* e *Sentimento Apocalíptico*. Enquanto isso, *catástrofes* é determinado pela necessidade de *decidir-me*, refletindo uma relação de antonímia com aquilo que é *duvidoso* e *obscuro*; *viver* estabelece, no texto, uma relação de sinonímia com *apavora* e *tortura*; *abdicção* e *abstinência* determinam o sentido desse *Sentimento Apocalíptico*, que, por sua vez, determina a *meditação apavorada* e o contato com o *horror*.

Apresentamos, a seguir, o segundo fragmento, que designamos como *Recorte 2 (R2)*:

R2. A hora que passe e esqueça... A **noite** que venha, que cresça, que caia sobre tudo e nunca se erga. **Que esta alma seja o meu túmulo para sempre**, e que □ se absolute em **Treva** e eu nunca mais possa **viver sem sentir ou desejar**. (grifos nosso) (Pessoa, 1999, p.477).

No *Recorte 2*, chegamos ao clímax emocional do texto, no qual o sentimento, que foi crescendo e se intensificando, atinge sua máxima expressão de desolação e esgotamento. O narrador, que anteriormente já havia manifestado o desejo de ser outro, agora deseja, de forma mais definitiva e extrema, que tudo acabe, que a noite caia e cubra sua existência e, com ela, toda a falta que o consome. O *desassossego*, antes apenas sugerido ou experimentado de forma fragmentada, revela-se aqui em sua plenitude, sendo substituído, por meio do procedimento de reescrituração por elipse, por imagens mais definitivas de destruição.

À vista disso, neste recorte, analisamos a resignificação da palavra *desassossego*, correlacionada ao tempo, à noite e à alma do sujeito, culminando em uma sensação de apagamento. A palavra *noite* é delineada como algo que *cai sobre tudo e nunca se ergue*, simbolizando uma morte emocional e uma escuridão permanente. Essa determinação amplia o sentido de *noite*, que não mais representa apenas o fim do dia, mas passa a significar um estado de treva no qual o autor pretende permanecer — um estado que não apenas o consome, mas atinge tudo ao seu redor.

"*Que esta alma seja meu túmulo para sempre*": a palavra *alma*, representada por *túmulo*, especifica que a alma é onde reside sua própria morte interior. O corpo deixa de ser o receptáculo do ser vivo e passa a ser o próprio túmulo. Este, por sua vez, representa o fim de toda vitalidade emocional, amplificando o sentido de incapacidade e estagnação já apontado no recorte anterior e tornando o sujeito prisioneiro de si mesmo.



Outrossim, na frase "*Que se absolute em Treva*", temos a expansão de um estado de escuridão total e irreversível. Nesse contexto, o texto estabelece uma relação de sinonímia entre as palavras *noite* e *treva*, pois esta última substitui qualquer luz ou possibilidade de recuperação emocional. Essa caracterização como algo absoluto indica que o enunciador deseja se entregar completamente à escuridão, reconhecendo a impossibilidade de retorno.

Com essas expressões de fim, tão absolutas, compreendemos que o sujeito parece ter se tornado grande demais para si mesmo — um ser cujo *desassossego* atingiu proporções tão vastas que já não podem mais ser contidas. Como se o próprio ser, com suas dores e angústias, não mais se suportasse, desejando, por fim, uma dissolução completa — um refúgio nas trevas, na noite, no túmulo — para nunca mais viver sem sentir ou desejar.

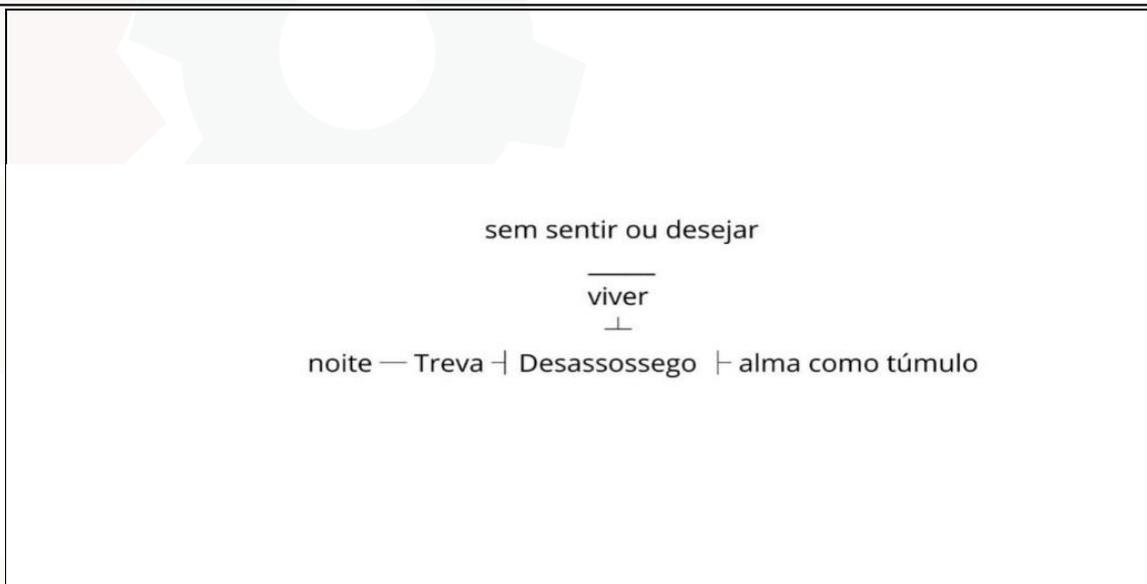
Essa imagem final é, de certa forma, a última expansão do *desassossego* que foi sendo construído ao longo do texto, ampliando assim o *Sentimento Apocalíptico*, que também atinge seu ápice, deixando claro que o desfecho para essa inquietação só poderia ser o anseio pela extinção completa de qualquer vestígio de emoção.

Observemos, então, como o *desassossego*, desdobrando-se em várias camadas de insatisfação, não se trata de uma sensação passageira, mas de um estado — um *Sentimento Apocalíptico* que não cessa, mas que, em permanente formação, ao final, se concretiza, arrastando consigo o próprio ser que o sente.

Considerando esse movimento em torno da palavra-título *desassossego*, que é determinada e também determinante do *Sentimento Apocalíptico* — pois, como apontamos, sem precisar ser escrita diretamente, permeia os sentidos, as sensações e os sentimentos, como um pano de fundo constantemente presente — percebemos que a escolha de não mencioná-la, não apenas neste recorte, mas no texto como um todo, é altamente significativa. Isso reforça a ideia de que esse sentimento é tão vasto e esmagador que uma única palavra não conseguiria contê-lo, fazendo-se necessário não apenas um fragmento, mas todo um livro.

Considerando, então, a análise enunciativa apresentada a partir do fragmento do *R4*, elaboramos a representação gráfica desta análise a partir do *Domínio Semântico de Determinação (DSD)*:

Figura 2 – DSD 2



Fonte: Elaborado pelas autoras

A partir desse *Domínio Semântico de Determinação*, pode-se interpretar que o *desassossego* é construído por uma cadeia de reescrituras, substituições e especificações que transformam a percepção do tempo. Ele é determinado por *viver*, *alma como túmulo* e *treva*. A *alma*, por sua vez, é representada como um túmulo onde esse apagamento se concretiza; *treva* constitui o estado final e absoluto, estabelecendo, no texto, uma relação de sinonímia com *noite*, que simboliza a estagnação e a escuridão perpétua. Já *viver* assume uma relação de antonímia com *sem sentir ou desejar*, reforçando o conflito existencial presente na narrativa.

5. Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo analisar os sentidos produzidos pela palavra *desassossego* no fragmento *Sentimento Apocalíptico*, presente no *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa, com base na teoria da *Semântica do Acontecimento*, de Eduardo Guimarães (2002, 2018).

O estudo não se limitou ao significado literal de *desassossego*, mas o abordou como um conceito ampliado, manifestado por meio de enunciados que revelam sua multiplicidade de sentidos no contexto da obra. Para isso, adotou-se o procedimento de *reescritura*, proposto pela teoria enunciativa, com o intuito de mobilizar as análises e verificar, a cada novo acontecimento de linguagem, a formação de um *Domínio Semântico de Determinação* (DSD), que ressignifica e reescreve o *Sentimento Apocalíptico* na obra. Esse objetivo mostrou-se



pertinente ao proporcionar uma análise profunda da linguagem pessoana, evidenciando o caráter fragmentado e subjetivo da obra sob uma perspectiva linguística.

A metodologia adotada foi qualitativa, baseada na pesquisa bibliográfica, permitindo a exploração de obras e artigos acadêmicos que fundamentaram a análise semântica e enunciativa. Essa abordagem possibilitou o acesso a uma ampla gama de interpretações e estudos já consolidados sobre a obra de Pessoa e a teoria da *Semântica do Acontecimento*, enriquecendo a análise.

O referencial teórico da *Semântica do Acontecimento* orientou as análises ao privilegiar o ato de enunciação e o acontecimento do dizer, pois, segundo essa teoria, cada novo acontecimento de linguagem instaura possibilidades inéditas de sentido, determinadas por uma temporalidade própria.

Os procedimentos de *reescrituração* e *articulação* revelaram como a palavra *desassossego*, ainda que ausente em sua forma explícita, se desdobra em diferentes sentidos e intensifica o *Sentimento Apocalíptico* no texto. A pesquisa evidenciou que *desassossego* não se limita à sua acepção convencional de inquietação, mas se transforma em um conceito polissêmico, entrelaçando-se com a ideia de apocalipse e com a dissolução do sujeito.

As análises permitiram concluir que o *Livro do Desassossego* é uma obra marcada por uma profunda fragmentação de sentidos, na qual o *desassossego* permeia o texto e se expande para além de seu significado literal. A utilização da *Semântica do Acontecimento* contribuiu significativamente para essa compreensão, demonstrando que a linguagem pessoana é composta por múltiplas camadas de significação, que desafiam leituras superficiais. A pesquisa, portanto, reafirma a relevância dessa teoria para a análise de textos literários complexos e subjetivos, como a obra de Fernando Pessoa.

6. Referências

BRÉAL, M. **Ensaio de semântica**: ciência das significações. Tradução Eduardo Guimarães et al. 2. ed. Campinas: Editora RG, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura**: arte, conhecimento e vida. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**. São Paulo: Pontes Editores, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. **Análise de texto**: procedimentos, análises, ensino. 2º ed. São Paulo: Hucited, 2012.



GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica**: enunciação e sentido. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

MOISÉS, Massaud. **Presença da literatura portuguesa**: modernismo. 3º ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1 ed. São Paulo; Parábola, 2019.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda livros na cidade de Lisboa. Organização Richard Zenith. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PESSOA, Fernando. **Correspondência**: 1905-1922. Organização Manuela Parreira da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.